

EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DE LEITE DO BRASIL

Sebastião Teixeira Gomes¹

1. Introdução

Nos últimos anos a produção de leite do Brasil vem experimentando grandes transformações, especialmente, na década de noventa. Tais transformações têm como causa a combinação de três fatores: 1) liberação do preço do leite em 1991; 2) Maior abertura da economia brasileira para o mercado internacional, a partir do início dos anos 90 e, 3) estabilidade da economia em decorrência do Plano Real.

A conjugação destes fatores provocou alguns efeitos danosos e outros benéficos para a economia do agronegócio leite. Entre os danosos, o maior destaque é a importação de derivados lácteos com elevada carga de subsídios do país de origem, distorcendo o mercado doméstico. A tarifa zero entre os países do Mercosul, facilita a triangulação, tornando pouco efetivo o imposto de importação do Brasil em relação a outros países fora do bloco. Isto também contribui para distorcer o mercado internacional, com graves danos para a produção brasileira.

Quanto aos benefícios da conjugação daqueles fatores, os mais importantes decorrem da maior concorrência entre todos os elos da cadeia do leite, tais como aumento da produtividade, do volume de produção e busca de melhor qualidade do leite. Já se observa uma mudança de postura dos agentes econômicos do agronegócio leite, pensando em profissionalismo e necessidade de mudanças. Embora os índices de produtividade do leite do Brasil estejam distantes daqueles já alcançados por outros países, existe um clima de necessidade de mudanças e isto tem muito a ver com a globalização da economia. Hoje em dia, nas mais distantes regiões do país, o produtor já conversa sobre os baixos custos de produção da Argentina e a influência destes custos sobre o preço do leite no mercado doméstico.

O objetivo deste artigo é descrever e analisar as transformações recentes do agronegócio leite, as quais têm muito a ver com a globalização da economia brasileira. Especificamente serão examinados os seguintes pontos: 1) Preços diferenciados pagos aos produtores; 2) Queda do preço recebido pelo produtor; 3) Aumento da produção de leite; 4) Aumento da produtividade; 5) Redução do número de produtores e concentração da produção; 6) Crescimento do mercado informal; 7) Crescimento da produção da região centro-oeste; 8) Crescimento das importações; 9) Mudança de hábitos de consumo e 10) Crescimento do consumo de lácteos.

2. Transformações do Agronegócio Leite

2.1. Preços diferenciados pagos aos produtores

Durante meio século o preço do leite foi administrado pelo governo federal, que tabelava o mesmo valor para todos os produtores das grandes regiões do país. O longo período de intervenção no mercado não viabilizou nem aumentos significativos do consumo de lácteos, nem tão pouco a modernização da produção. O mercado de leite ficou, durante muito tempo, engessado afugentando capitais e empresários. Este quadro mudou em 1991, com a liberação do preço do leite e de derivados.

Após a liberação o mercado adotou o procedimento de preço base mais bonificações por volume e qualidade do leite. Em outras palavras, adotou o preço diferenciado entre os produtores. Atualmente, até nas cooperativas cada produtor recebe um preço, de acordo com o volume e a qualidade do leite entregue na indústria.

A diferença significativa entre o preço maior e o menor, dentro da mesma indústria, estimulou o produtor na direção dos atributos da bonificação que, no caso, são a quantidade produzida e a qualidade do leite. Em muitos casos tal diferença chega a 50%.

A conseqüência natural do procedimento de preço diferenciado é a ampliação da distância, em termos de renda, entre o grande e o pequeno produtor. Os corolários desta conseqüência são

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa
Escrito em 31/05/99

a concentração da produção e a exclusão do pequeno produtor do mercado formal, questões que são retomadas a seguir.

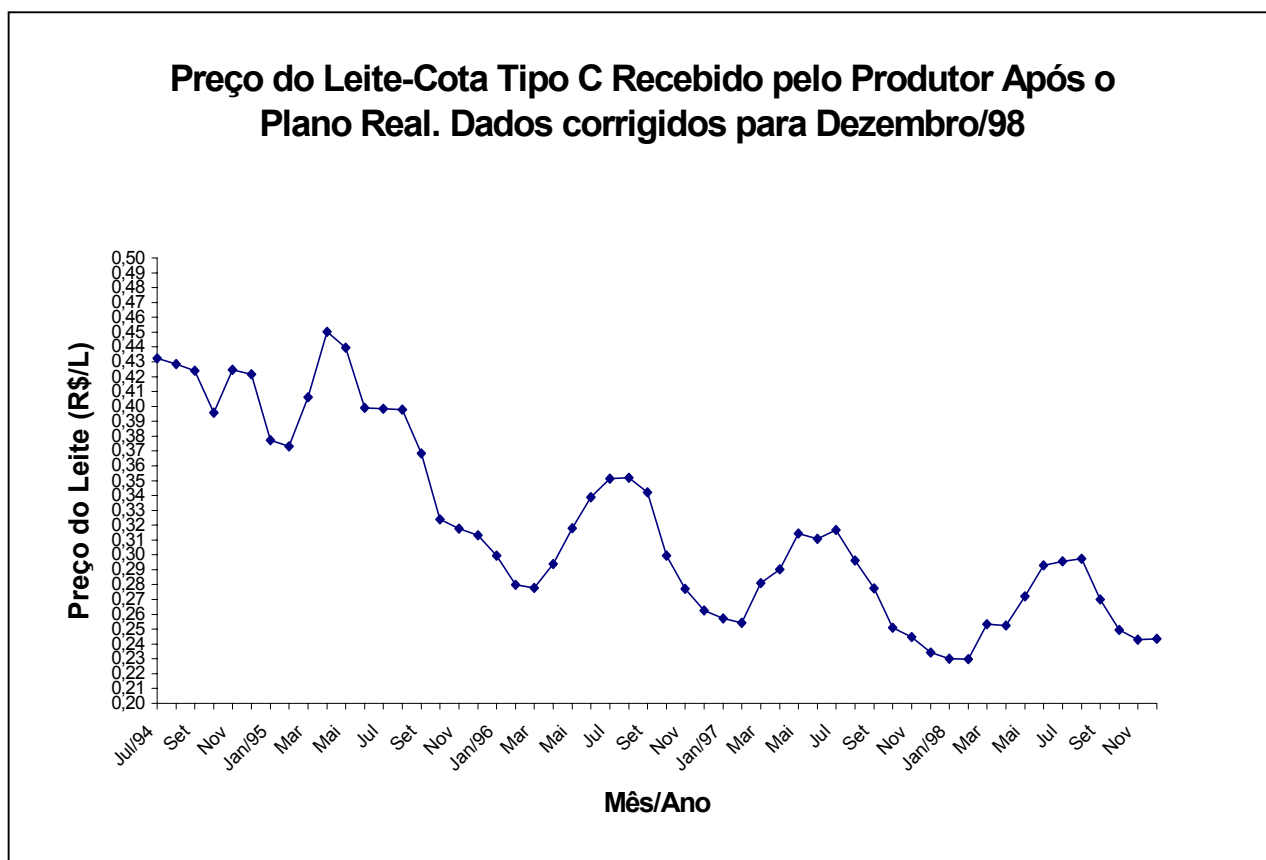
2.2. Queda do preço recebido pelo produtor

O preço recebido pelo produtor vem diminuindo, de modo significativo, nos últimos anos, conforme gráfico número 1. De 1994 (julho a dezembro) a 1998 (também de julho a dezembro) o preço caiu 38%, em valores corrigidos. Os efeitos desta queda são magnificados numa situação de economia estabilizada como a que aconteceu no país, neste período.

Na explicação da queda do preço do leite três causas merecem citações: 1) Queda do custo de produção, em decorrência do aumento da produtividade e da queda dos preços de importantes fatores de produção; 2) Aumento da concorrência pela abertura internacional e alargamento do conceito de bacia leiteira, em razão do crescimento do leite longa vida; e 3) Ausência do imposto inflacionário pela diferença do preço real do leite entre o início e o final do mês.

Ainda em relação ao gráfico número 1, observa-se uma tendência de antecipar tanto a elevação, quanto a queda do preço do leite, dentro de um mesmo ano. O preço começa a subir em março, portanto antes do início do período da seca, que geralmente ocorre depois de maio. Por outro lado, o preço começa a cair em agosto, antes do período das águas, que começa em novembro-dezembro. Provavelmente este comportamento esteja atrelado a maior concorrência das indústrias na procura de fornecedores para o período da seca (isto explica o crescimento do preço em março) e a redução da sazonalidade da produção (isto explica a queda a partir de agosto).

Gráfico 1.



2.3. Aumento da produção de leite

Nas últimas duas décadas, no Brasil, a produção de leite vem crescendo a taxas superiores às do crescimento da população. Isto significa que a produção per capita vem aumentando nos últimos anos. De 1980 a 1998, a taxa média anual de crescimento foi de 3,3%; sendo 2,6%; de 1980 a 89; e 4,2%, de 1990 a 98. O desempenho da produção de leite, nos anos 90, é muito superior ao da década de 80. As causas desse comportamento estão associadas aos determinantes das transformações recentes da produção de leite, apresentadas e discutidas anteriormente. Mesmo nos anos 90, existem diferenças significativas entre o período anterior e posterior ao Plano Real. Antes do Plano, no período de 1990-93, a taxa média anual de crescimento foi de apenas 2,50%, e depois, de 1994-98, foi de 6,21%. Merece citação o comportamento da produção em 1995, que cresceu 9%, e em 1996, que cresceu 11%. (Tabela 1)

Considerando-se as enormes dificuldades enfrentadas pelo produtor de leite, os resultados são muito expressivos. Em razão do potencial do País, poderia esperar mais, porém já se conseguiu muito. Vale destacar que mais significativo que o aumento percentual da produção foi o aumento absoluto, porque a base do aumento relativo é elevada. De 1994 a 97, a produção de leite, no Brasil, aumentou, em média, 1,3 bilhão de litros/ano. Nesse mesmo período, a produção da Argentina aumentou, em média, 0,42 bilhão/ano. Isto significa que, em valores absolutos, o aumento brasileiro foi três vezes maior que o argentino.

Tabela 1 - Produção de Leite do Brasil

Ano	Produção (milhões litros)	Ano	Produção (milhões litros)
1980	11.162	1990	14.484
81	11.324	91	15.079
82	11.461	92	15.784
83	11.463	93	15.591
84	11.933	94	15.784
85	12.078	95	17.189
86	12.492	96	19.027
87	12.996	97	19.503
88	13.522	98	20.088
89	14.095		

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE, MARA, MF, CNA.

Os dados das Tabelas 2 e 3 devem ser examinados em conjunto. Eles indicam a grande instabilidade do preço recebido pelo produtor (Tabela 2) e a baixa sazonalidade da produção, (Tabela 3). O produtor respondeu ao pedido de reduzir a diferença entre a maior e menor produção durante o ano, chegando ao máximo em 26%. Porém, o mercado não lhe deu a recompensa que esperava, porque a variação de preço do leite-cota chegou a 35%. Incluindo-se o leite-excesso, a variação de preço é muito maior. O comportamento do mercado, mostrado nas Tabelas 2 e 3, conspira contra o produtor especializado, cujo sistema de produção é muito sensível a flutuações de preços. Vale destacar que essa variação do preço do leite aconteceu num período de inflação muito baixa, próximo a 2% ao ano, o que magnifica os efeitos da variação de preço.

Na explicação da grande variação do preço do leite, dois fatores merecem citação. O primeiro diz respeito às elevadas importações, muitas vezes subsidiadas e realizadas pelos sem-fábricas, que não têm nenhum compromisso com a estabilidade do mercado doméstico. O segundo está associado à importância que o leite longa vida assumiu na definição do preço do leite. A atual estrutura de comercialização do longa vida tem resultado em elevadas variações do preço ao consumidor, as quais, por sua vez, são rebatidas para o produtor.

Em resumo, a produção de leite, no Brasil, vem crescendo a taxas significativas, e os resultados obtidos são expressivos, dadas as adversidades enfrentadas pelo produtor. Evidentemente que se deve esperar um desempenho ainda melhor, tendo em vista a disponibilidade de recursos naturais e a posição do país em relação à produção mundial. Entretanto, a velocidade das transformações vem aumentando, o que dá esperança de um desempenho ainda melhor nos próximos anos.

Tabela 2 - Índice do preço recebido pelo produtor de leite tipo C, em 1997 ¹⁾

Mês	Índice
Janeiro	110
Fevereiro	108
Março	120
Abril	124
Maio	134
Junho	133
Julho	135
Agosto	126
Setembro	118
Outubro	107
Novembro	104
Dezembro	100

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos, Indústria Laticinista.

1) Os dados originais referem-se apenas ao leite-cota e foram corrigidos pelo índice de preço pago pelo agricultor.

Tabela 3 - Brasil: Recepção de leite sob inspeção federal, em 1997

Mês	1000 litros/dia	Índice
Janeiro	31.010	119
Fevereiro	29.376	113
Março	27.738	107
Abril	26.580	102
Maio	25.988	100
Junho	26.184	101
Julho	28.114	108
Agosto	27.917	107
Setembro	28.254	109
Outubro	30.832	119
Novembro	32.323	124
Dezembro	32.749	126
MÉDIA ANO	28.925	-

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos Leite Brasil, Set. 1998.

2.4. Aumento da produtividade

Nos últimos anos a produtividade do rebanho aumentou, significativamente, embora continue distante da de outros países mais evoluídos na produção de leite. De 1970 a 96 a produção/vaca ordenhada aumentou 93% e de 1985 a 96, aumentou 37%, conforme dados da Tabela 4.

Tabela 4 – Evolução da produtividade do rebanho do Brasil

Ano	Litros/vaca ordenhada*/ano	Índice
1970	678	100
1975	768	113
1980	934	138
1985	959	141
1996	1307	193

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE, Censo Agropecuário

* Vaca ordenhada = total de vacas

Na interpretação dos dados de produtividade dois aspectos são da maior importância: 1) definição do rebanho leiteiro nacional e, 2) Estrutura da produção de leite do país.

A apuração precisa do número de produtores comerciais de leite, no Brasil, é uma tarefa, senão impossível, pelo menos muito difícil. Isto porque a atividade não é bem definida, fazendo parte, desse mesmo conjunto, desde produtores de até 30 mil litros de leite por dia, até os de 1 a 2 litros, apenas para alimentação de sua família. Além disto, estão incluídos, nas estatísticas oficiais, os produtores tipicamente de gado de corte que também ordenham algumas vacas.

Segundo dados do IBGE, no último censo agropecuário de 1996, existiam, no Brasil, 1.810.041 produtores de leite, com produção de 17.931.249.000 de litros. A produção média era 27 litros/produtor/dia.

Dados das dez maiores indústrias laticinistas do país, responsáveis por 53% do leite sob inspeção, indicam a existência de 207.393 produtores com produção anual de 6.060 milhões de litros (*Tabela 5*). A produção média nessas dez indústrias é de 80 litros/produtor/dia. A grande diferença entre 27 e 80 litros/produtor/dia decorre da inclusão, segundo dados do IBGE, em um mesmo conjunto, de produtores comerciais e de subsistência.

Em 1997, a produção, sob inspeção, foi de 10.557 milhões de litros. Admitindo-se que a média de 80 L/dia, das dez maiores empresas, mantinha-se nos demais estabelecimentos inspecionados, o número de produtores que vendem leite para estes laticínios é de 361 mil. Portanto, é difícil determinar, com precisão, o número de produtores que participam efetivamente do mercado. Com certeza, ele é muito menor que 1,8 milhão. Essa dificuldade contribui para subestimar o real desempenho da pecuária leiteira nacional, porque, com certeza, a produção média dos produtores comerciais é bem superior a 27 litros/dia. Além disto, o número de vacas ordenhadas e a produtividade do rebanho são determinados, considerando-se os 1.810.041 produtores. Assim, é fácil verificar que os dados disponíveis, sobre o desempenho da produção de leite no Brasil, estão contaminados pela falta de definição do rebanho leiteiro nacional.

O segundo aspecto que deve ser considerado na interpretação da produtividade diz respeito a estrutura da produção de leite do país. Muitos produzem pouco e poucos produzem muito, numa distribuição totalmente assimétrica, segundo dados da Tabela 6.

Tabela 5 - Número de produtores e produção comprada pelas principais indústrias laticinista do Brasil, em 1996

Indústrias	Nº de Produtores	Produção (milhões de litros)
Nestlé	39.200	1.432
Parmalat	35.846	1.068
Paulista	25.404	1.059
Itambé	20.155	740
Elegê	43.960	670
Vigor	8.391	302
Fleischmann Royal	9.500	280
Danone	2.006	173
CCPL	12.231	171
Batavo/Agromilk	10.700	165
TOTAL	207.393	6060

Fonte: Leite Brasil.

Tabela 6 – Distribuição do número de produtores e da produção de leite dos fornecedores da Itambé, em 1998

Faixa de produção (litros/dia)	Nº de Produtores (%)	Produção (%)
Até 50	48,36	9,22
51 a 200	35,77	28,76
Mais de 200	15,87	62,02
TOTAL	100,00	100,00

Fonte: Relatório Anual da Itambé

Os dados da Tabela 6, embora sejam da Itambé, eles retratam a realidade da produção nacional. A produtividade média é muito influenciada pelo grande número de pequenos produtores. Tomando-se, como exemplo, a produtividade do rebanho, medida em litros de leite/vaca em lactação/dia, o resultado, para todos os produtores, é de 4,90 litros. Entretanto, para o grupo que responde por 62% da produção, a produtividade é de 8,67 litros, (Tabela 7).

O indicador mais utilizado na comparação entre regiões e até entre países é litros/vaca/ano, ou litros por total de vacas (em lactação mais falhadas), por ano. De acordo com esse indicador, a produtividade, para o total de produtores, é de 1.113, segundo dados da Tabela 7. Realmente, tal produtividade, quando comparada com as de outros países, deixa o Brasil em péssima colocação, embora 62% do leite seja produzido por um grupo de produtores que conseguem 2.256 litros/vaca/ano. Agora, a interpretação é diferente. Quase a metade dos produtores (48%) tem, como produtividade média, apenas 865 litros/vaca/ano, que corresponde a 2,37 litros/vaca/dia. Essa quantidade de leite mal dá para alimentar o bezerro. Entretanto, esse enorme grupo de pequenos produtores responde por apenas 9% da produção total. Análises iguais a estas podem ser feitas para outros indicadores de produtividade, tais como produtividade da terra e da mão-de-obra, embora a interpretação seja sempre a mesma.

Quatro inferências podem ser tiradas das análises anteriores: 1) Sendo a produção de leite proveniente de sistemas tão diferentes, com níveis de adoção de tecnologia e de produtividade muitos desiguais, a média de toda a população não é um bom indicador de desempenho; 2) Em razão do grande número de pequenos produtores, a média global fica influenciada por este grupo, isto é, a média geral é puxada para baixo; 3) Ainda que a produtividade do rebanho brasileiro tenha que aumentar muito, para ser este considerado como produtivo, não se podem desprezar os avanços de pequeno grupo de produtores, que respondem pela maior parte da produção nacional; e 4) Se desconsiderarem os avanços tecnológicos e de produtividade da pecuária nacional, como explicar as expressivas taxas de crescimento da produção, nos últimos anos? Com certeza, o crescimento extensivo não teria forças para explicar todo o aumento da produção.

Tabela 7 - Indicadores de produtividade da atividade leiteira de Minas Gerais

Indicador	Unidade	Faixa de produção (L/dia)			Total
		Até 50	51 a 250	Acima 250	
Produtividade da terra	L/ha/ano	522	765	1376	651
Produtividade da mão-de-obra	L/d.h	30	61	95	45
Produtividade do rebanho-1	L/VL/dia	4,10	5,55	8,67	4,90
Produtividade do rebanho-2	L/total de vacas/dia	2,37	3,63	6,18	3,05
Produtividade do rebanho-3	L/total de vacas/ano	865	1325	2.256	1113

Fonte: SEBRAE-MG/FAEMG.

2.5. Redução do número de produtores e concentração da produção

A distribuição assimétrica é uma característica marcante da produção de leite no Brasil. Muitos pequenos produtores participam pouco da produção total do país, e poucos grandes participam muito dessa produção. Outra questão importante diz respeito ao aumento da assimetria, isto é, os pequenos estão participando cada vez menos, e os grandes, cada vez mais.

Os dados das *Tabelas 8 e 9*, embora sejam da Itambé, dão uma boa idéia do que está acontecendo em Minas e, por extensão, no Brasil, por ser este Estado o maior produtor nacional. Ao se classificarem os produtores em pequenos (até 50 litros/dia), médios (51 a 200 litros/dia) e grandes (mais de 200 litros/dia), verifica-se que, em 1976, os pequenos correspondiam a 76% do número de filiados da Itambé e produziam 30% do total de leite, segundo dados da *Tabela 8*. Em 1998, os pequenos eram 48% do número de fornecedores e produziram apenas 9% do volume total de leite recebido pela Itambé. A partir desses dados, pode-se esclarecer um equívoco freqüentemente citado: Quem é o responsável pela produção de leite do país é o pequeno produtor. Eles são muitos, porém produzem pouco. Evidentemente que o conceito de pequeno produtor é relativo. Provavelmente, na Argentina, por exemplo, um produtor de 300 litros/dia seja classificado como pequeno. Aqui no Brasil, em termos médios, existem evidências empíricas que 50 litros/dia (1 latão de leite) seja um discriminador aceitável.

Tabela 8 - Distribuição percentual do número de produtores e da produção de leite dos fornecedores da Itambé, em 1976 e 1998

Especificação	Faixa de Produção (L/dia)			Total
	Até 50	51 a 200	Mais de 200	
Nº de produtores 1976	76,30	20,40	3,30	100,00
1998	48,36	35,77	15,87	100,00
Produção 1976	30,50	42,70	26,80	100,00
1998	9,22	28,76	62,02	100,00

Fonte: Elaboração STG, Dados básicos, Itambé - Relatório Anuais.

No outro extremo, os produtores de mais de 200 litros/dia passaram de 27% da produção, em 1976, para 62%, em 1998, enquanto o número de produtores aumentou de 3% para 16%. O aumento da participação do grande produtor significa que a produção de leite está se concentrando. Está-se reduzindo, tanto em termos relativos quanto absolutos, o número de pequenos produtores e aumentando, também em termos relativos e absolutos, o número de grandes produtores. Essa conclusão diz respeito ao mercado formal, porque muitos dos pequenos que estão sendo expulsos do mercado formal estão indo para o informal, daí o crescimento desse mercado.

Tabela 9 - Produção e número de produtores de leite da Itambé, no mês de dezembro, no período de 1993-98

Ano	Produção (litros/dia)	Produtores (Nº)	Litros/Produtor/Dia
1993	1.752.862	22.084	79
1994	1.788.629	21.188	84
1995	2.168.173	21.357	101
1996	2.278.599	19.927	114
1997	2.276.997	18.250	125
1998	2.372.833	15.369	154
Varição percentual	+ 35%	- 30%	+ 95%

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos, Itambé, Relatórios Anuais.

Os dados da *Tabela 9* retratam, fielmente, o movimento de concentração da produção de leite. De 1993 a 98, a produção da Itambé aumentou 35%, embora o número de produtores tenha caído 30%. Como conseqüência, a produção média aumentou 95%. Não se pode esquecer que a Itambé é uma Central Cooperativa e, mesmo entre as cooperativas, a força do mercado se fez presente, razão por que ela teve de se ajustar à realidade dos dias de hoje, até para sobreviver. Conforme referência anterior, boa parte dos excluídos do mercado formal está hoje no informal. Não há porque acreditar que eles simplesmente deixaram de existir, como produtores de leite. Eles apenas mudaram de comprador. A grande ameaça do pequeno produtor não vem de sua exclusão do mercado formal, mas sim do cumprimento da legislação sobre qualidade do leite e derivados.

Os dados apresentados até então já sinalizam a heterogeneidade dos sistemas de produção de leite, no Brasil. Isto ficará mais claro, a seguir, na análise da adoção de algumas tecnologias. Novamente, serão utilizados dados de Minas Gerais, como “proxy” do Brasil. Isto é defensável.

Quando se afirma que apenas 32% dos produtores adotam silagem para vacas em lactação, este resultado dá uma idéia de baixo nível tecnológico. Entretanto, quando se afirma que 62% do leite produzido é proveniente de um grupo de produtores, em que 81% deles adotam silagem, a interpretação é bem diferente (*Tabela 10*). A mesma análise pode ser feita para o grau de sangue das vacas. Entre os pequenos produtores, 68% possuem vacas com menos de 1/2 grau de sangue Holandês. Entretanto, os pequenos produtores respondem por apenas 9% da produção. Entre os que respondem com 62% da produção (os grandes produtores), a freqüência de adotantes de vacas com menos de 1/2 grau de sangue Holandês é de apenas 18%. A conclusão é simples: numa amostra com grande variância em relação à média, esta média tem pouca utilidade, e não se deve inferir muita coisa a partir dela, porque tais inferências são frágeis. Examinando, novamente, os dados da *Tabela 10*, pode-se concluir que, considerando-se apenas os dados da coluna total, o diagnóstico é de uma pecuária leiteira atrasada. Entretanto, quando a análise é segmentada, a conclusão modifica-se muito. A maior parte do leite de Minas Gerais é proveniente de um grupo de produtores que têm elevados índices de adoção de tecnologias recomendadas para uma produção eficiente.

Tabela 10 - Freqüência percentual dos produtores de leite de Minas Gerais, que adotaram algumas tecnologias selecionadas, em 1996

Tecnologia Adotada	Faixa de produção (L/dia)			Total
	Até 50	51 a 250	Acima 250	
Silagem para vacas em lactação	17	46	81	32
Concentrado para vacas em lactação, no período das águas	23	44	74	33
Vacas com menos de 1/2 grau de sangue Holandês	68	41	18	52

Fonte: SEBRAE-MG/FAEMG.

2.6. Crescimento do mercado informal

No Brasil, existem dois tipos de mercado de lácteos, ambos de grande expressão econômica, conhecidos como formal e informal. A diferença básica entre eles é a presença, ou não, da inspeção sanitária e higiênica do governo. O mercado formal está sob inspeção, enquanto o informal não está. A comercialização no mercado formal é feita por meio de cooperativas ou indústrias particulares que, em geral, são fiscalizadas, quanto ao controle de qualidade e ao recolhimento de impostos. O mercado informal, praticamente, não é fiscalizado, nem quanto ao controle de qualidade nem quanto ao recolhimento dos impostos. O mercado informal funcional de mil formas, desde a venda de leite cru a domicílio e de derivados, como queijo fresco, mussarela,

iogurtes, requeijão e outros, até o leite com pasteurização lenta (método discutível quanto a sua eficácia).

O exame dos dados da *Tabela 11* mostra uma situação preocupante, porque o mercado informal está crescendo mais que o formal. De 1980-97, a taxa média anual de crescimento do mercado formal foi de 1,83%, enquanto a do informal foi de 5,79%. O Brasil já conseguiu ter 77% do leite aqui produzido sob inspeção, em 1987, e dez anos depois, em 1997, apenas 54% do leite foi fiscalizado, quanto às condições sanitárias e higiênicas. Essa triste realidade coloca em risco a saúde do consumidor, visto que as condições em que o leite é produzido e comercializado deixam muito a desejar, na maioria dos casos.

Tabela 11 - Distribuição da produção de leite do Brasil

Ano	Produção Sob Inspeção (milhões litros)	Produção Sem Inspeção (milhões litros)	% do leite Sob Inspeção
1980	7.728	3.434	69
1981	8.400	2.924	74
1982	8.126	3.335	71
1983	8.585	2.878	75
1984	8.887	3.046	74
1985	8.834	4.012	73
1986	8.698	3.794	70
1987	10.037	2.960	77
1988	10.262	3.260	76
1989	10.135	2.960	72
1990	10.747	3.737	74
1991	10.413	4.666	69
1992	10.700	4.084	68
1993	9.146	6.445	59
1994	9.441	6.343	60
1995	10.577	6.612	61
1996	11.366	7.661	60
1997	10.557	8.946	54
Taxa anual de crescimento	1,83%	5,79%	-

Fonte: Elaboração STG, Dados Básico, Leite Brasil, Out./Nov. 1998.

A produção de leite, no Brasil, vem crescendo a taxas significativas, superiores às taxas de crescimento da demanda, embora o abastecimento interno ainda não seja atendido pela produção doméstica. Isto faz prever a possibilidade de o país alcançar, em breve, sua auto-suficiência. A partir disso, surgem, naturalmente, duas perguntas: 1) O Brasil deixará de importar derivados lácteos? 2) O país exportará excedentes? Quanto à primeira pergunta, a resposta é não. Mesmo com auto-suficiência, com certeza, o país participará do mercado internacional, ora importando ora exportando, dependendo dos preços doméstico e internacional. Quanto à segunda pergunta, a resposta depende muito mais da qualidade do que da quantidade de lácteos excedentes. Na atualidade, mesmo que existissem excedentes, as exportações não aconteceriam, em razão das barreiras referentes a exigências de qualidade. Portanto, um grande esforço deve ser feito para melhorar a qualidade do leite, já que o Brasil tem potencial para se transformar num exportador de lácteos.

2.7. Crescimento da produção da região Centro-Oeste

De 1990 a 97, a produção de leite no Brasil cresceu, de ponta a ponta, 35%. Nesse mesmo período, na região Norte cresceu 73%; no Nordeste, 39%; no Sudeste, 28%; no Sul, 37%; e no Centro-Oeste, 70%, segundo dados da *Tabela 12*. O crescimento, na região Norte, deve ser visto

com cautela, em razão da pequena base de cálculo do ano de 1990. Nesse período, o grande destaque foi a região Centro-Oeste, cujo crescimento foi de 70%.

Tabela 12 - Evolução da produção de leite do Brasil, segundo as grandes regiões

Ano	Unidade	Brasil	Regiões				
			Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
1990	Milhões ls	14.484	555	2.045	6.923	3.262	1.699
1990	Índice	100	100	100	100	100	100
1991	Índice	104	123	106	101	104	108
1992	Índice	109	131	111	104	110	117
1993	Índice	108	129	82	106	113	127
1994	Índice	109	117	87	106	117	128
1995	Índice	119	150	115	116	123	143
1996	Índice	131	162	129	124	130	157
1997	Índice	135	173	139	128	137	170

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE.

Quanto à participação das regiões na produção do país, as modificações mais expressivas aconteceram no Sudeste, que caiu de 48% para 45%, e no Centro-Oeste, que aumentou de 12% para 15%, no período de 1990-97. A região Nordeste continuou participando com 14% da produção nacional, e a Sul, com 23%.

Entre os estados, Minas Gerais continua ocupando o primeiro lugar, embora sua participação, no total do país, tenha reduzido de 30% para 28%, de 1990 a 97. São Paulo continuou em segundo lugar, com 13% da produção nacional, e Goiás passou para o terceiro no ranking do leite do Brasil, aumentando sua participação de 7% para 10%, segundo dados da Tabela 13. Há nítida tendência de o leite, no Brasil, caminhar para o Centro-Oeste, que é região do cerrado. No Estado de Minas, o maior crescimento da produção acontece nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, que se localizam no oeste do Estado e são áreas de cerrado.

A principal explicação para o fato de a produção de leite caminhar para as regiões de cerrado é porque o custo de produção é, significativamente, menor que o das outras regiões produtoras. As razões do menor custo de produção são: a) Baixo custo do concentrado, em especial de soja; b) Redução do custo de oportunidade da terra, por causa da crise da pecuária de corte; c) Financiamentos com taxas favorecidas do FCO (Fundo Constitucional do Centro-Oeste); e d) Adoção de tecnologias que viabilizaram aumentos de produtividade.

Além do baixo custo de produção, a indústria laticinista contribuiu, expressivamente, para o crescimento da produção de leite no Centro-Oeste, mediante assistência técnica aos produtores e criação de demanda leite. As quatro maiores indústrias de laticínios do país têm unidades em Goiás: Nestlé, Parmalat, Central Paulista e Itambé. O crescimento do consumo do leite longa vida favoreceu muito o Centro-Oeste, pela ampliação do mercado.

Finalmente, na lista dos fatores que contribuíram para o crescimento da produção de leite no Centro-Oeste, especialmente em Goiás, não se pode omitir a mobilização da Federação de Agricultura de Goiás (FAEG). A conscientização da necessidade de o produtor profissionalizar-se e a mobilização da classe produtora para conseguir negociações mais vantajosas com a indústria foram e continuam sendo argumentos de grande peso na explicação da marcha do leite para o Centro-Oeste.

O avanço da produção de leite para a região do cerrado levanta uma questão, de maior importância, acerca da sustentabilidade do sistema de produção. A região tem solos frágeis com deficiência de água em várias áreas, o que impõe cuidados especiais de preservação do ambiente. Aliás, tais cuidados se fazem necessários, ainda com maior força, no caso de culturas que utilizam muitos insumos, como fertilizantes e defensivos. A inovação tecnológica não deve ser um freio para a conquista definitiva do cerrado, ao contrário, deve viabilizar a sustentabilidade dos sistemas de produção, combinando produtividade com conservação dos recursos naturais.

Tabela 13 - Evolução da produção de leite do Brasil em alguns estados

Ano	Unidade	Brasil	Estados		
			Minas Gerais	São Paulo	Goiás
1990	Milhões ls	14.484	4.291	1.961	1.072
1990	Índice	100	100	100	100
1991	Índice	104	101	101	109
1992	Índice	109	105	103	119
1993	Índice	108	105	104	131
1994	Índice	109	107	102	131
1995	Índice	119	116	114	144
1996	Índice	131	124	120	160
1997	Índice	135	128	127	176

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE.

2.8. Crescimento das importações

No que diz respeito às importações de lácteos, vale destacar a mudança do perfil dos importadores. Antes, as importações eram feitas apenas pelo governo, com vistas em regularizar o abastecimento interno e atender aos programas sociais. Depois, elas também poderiam ser feitas por indústrias laticinistas, porém, a preocupação principal era completar o abastecimento do mercado. Agora, as importações são realizadas pela indústria laticinista e por empresários que nada têm a ver com a atividade leiteira, são os chamados “sem-fábrica”. Por não estarem ligados nem à produção nem à indústria laticinista, os sem-fábricas priorizam apenas o lucro, com suas importações, mesmo que isto possa tumultuar o mercado doméstico. O problema é que a participação dos sem-fábrica, nas importações, vem crescendo muito, daí a explicação para a internação de lácteos em novembro, dezembro e janeiro, em pleno período de safra. Nesse quadro, o governo não tem sido muito ágil na apuração de denúncias de irregularidades nas importações, provavelmente preocupado em segurar a inflação, a qualquer preço.

Nos últimos anos as importações de produtos lácteos aumentaram, significativamente, conforme indica a *Tabela 14*. Após o Plano Real, a relação importação/produção doméstica saltou da média histórica, em torno de 5%, para 13%. Contribuíram para esta mudança do patamar de importações o aumento do consumo, em decorrência dos ganhos de renda do consumidor, a ampliação do Mercosul, o crescimento das importações realizadas pelos “sem-fábrica” e a taxa de câmbio supervalorizada após o início do Plano Real.

Tabela 14 - Importações de lácteos feitas pelo Brasil

Ano	Importação (Equivalente a milhões de litros)	Importação ----- x 100 Produção	Ano	Importação (Equivalente a milhões de litros)	Importação ----- x 100 Produção
1980	774,0	6,93	90	906,0	6,26
81	56,1	0,50	91	1.313,0	8,71
82	79,3	0,69	92	276,0	1,75
83	192,8	1,68	93	632,0	4,05
84	206,9	1,73	94	1.250,0	7,92
85	331,0	2,74	95	3.200,0	18,61
86	2.319,0	18,56	96	2.450,0	12,88
87	813,0	6,25	97	1.930,0	9,89
88	214,0	1,58	98	2.270,0	11,24
89	1.357,0	9,63			

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE, MARA, MF, CNA.

Os danos, para a produção doméstica, das importações de lácteos decorrem das imperfeições do mercado internacional resultantes das práticas de “dumping” e triangulações. Caso fossem eliminadas tais irregularidades o produtor brasileiro não teria o que temer, uma vez que o preço que ele recebe está entre os mais baixos do mundo, conforme dados da *Tabela 15*.

Tabela 15 – Preços de leite ao produtor – 1997 em países selecionados

Pais	(US\$ cents/litro)
Japão	71,32
Suíça	55,60
Itália	41,80
Canadá	41,04
Suécia	37,04
União Européia (15 países)	33,31
Bélgica	29,98
EUA	29,60
Austrália	20,67
Nova Zelândia	19,40
Argentina	19,00
Brasil	17,00
Uruguai	15,00

Fonte: Australian Dairy Corporation, 1998

2.9. Mudança de hábitos de consumo

Quanto ao valor, o mercado de leite fluido é o maior no Brasil, com 47% do total (*Tabela 16*), ao contrário da Argentina, onde o maior mercado é o de queijo. O maior peso do mercado de leite fluido, no Brasil, pode ser considerado como um indicador de baixo desenvolvimento econômico. À medida que aumenta a renda per capita e o país se desenvolve, há mudança de hábitos alimentares, cuja preferência é por alimentos mais industrializados.

Tabela 16 - Brasil: Distribuição percentual do valor dos lácteos comercializados no mercado formal, em 1997.

Especificação	%
Leite A + B	3,96
Leite C	17,49
Longa vida	25,53
Leite em pó	17,54
Creme de leite	2,69
logurtes e bebidas lácteas	9,96
Sobremesas	1,23
Petit Suisse	2,78
Queijos	11,07
Leite condensado	3,76
Manteiga	3,99
TOTAL	100,00

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos Leite, Brasil, Agosto 1998.

O maior destaque dos dados da *Tabela 17* é o grande crescimento do leite longa vida (UHT). Em 1990, representava apenas 4% do mercado de leite fluido, passando para 53%, em 1998. Esse crescimento fez com que o longa vida se transformasse no balizador do mercado de lácteos, de modo geral. O expressivo volume comercializado e a organização dos agentes econômicos envolvidos no leite longa vida permitiram essa condição de balizador do mercado.

Tabela 17 - Brasil: Distribuição percentual da venda de leite fluido no mercado formal.

Ano	UHT	Leite Pasteurizado			Total
		Tipo A	Tipo B	Tipo C	
1990	4,37	0,66	8,23	86,74	100,00
1991	5,19	0,86	11,33	82,62	100,00
1992	9,32	0,98	9,78	79,92	100,00
1993	12,40	1,54	13,91	72,15	100,00
1994	21,69	1,37	11,09	65,85	100,00
1995	26,27	1,38	11,51	60,84	100,00
1996	37,98	0,98	9,05	51,99	100,00
1997	49,30	0,80	7,24	42,66	100,00
1998	53,04	0,77	6,84	39,35	100,00

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos, Leite, Brasil, Julho 1998.

O leite tipo A vem mantendo, ao longo da década de 90, o nicho de mercado, em torno de 1% do total de fluidos. Pressionado pela concorrência dos outros tipos de leite fluido, o mercado de leite A reduziu, substancialmente, o preço recebido pelo produtor. A queda do preço reduziu, expressivamente, a margem de lucro, tornando alguns projetos pouco atrativos, porque o custo de produção do leite A é, em geral, maior que o dos demais tipos de leite.

O mercado de leite B, que chegou a representar 14% do mercado de leite fluido, em 1993, caiu para 6,8%, em 1998. Entretanto, a transformação mais importante com relação ao leite B, não foi a queda na importância relativa do volume comercializado, mas sim a queda da margem de lucro do produtor. A produção de leite B está concentrada em São Paulo, Sul de Minas e Norte do Paraná, e, na maioria das fazendas, o custo de produção é alto, de US\$ 0,27 a US\$ 0,30 por litro. A concorrência do longa vida derrubou o preço do leite B, deixando em dificuldades muitos produtores. As perspectivas para muitos produtores de leite B são preocupantes, porque cresce o leite do cerrado, de baixo custo, e há necessidade de mudanças estruturais no atual sistema de produção de leite B, para reduzir os elevados custos.

2.10. Crescimento do consumo de lácteos

O consumo per capita de leite e derivados cresceu, significativamente, nos últimos anos, especialmente, após o Plano Real, segundo dados da *Tabela 18*.

De 1994 a 98 o consumo per capita cresceu 25%, de ponta a ponta. Tal crescimento não é nada desprezível considerando o tamanho da população do Brasil. Evidentemente que o consumo continua menor que o recomendado e que existem grandes distorções entre as camadas da população, porém não se pode deixar de reconhecer que o atual quadro está menos dramático. Tudo indica que a mudança completa depende mais das variáveis que definem a demanda que as da oferta, em razão do bom desempenho da produção nacional nos últimos anos.

Tabela 18 – Consumo de leite e derivados do Brasil

Ano	Consumo Per capita aparente (Equivalente litros/ano)	Ano	Consumo Per capita aparente (Equivalente litros/ano)
1980	100,67	90	106,34
81	93,89	91	111,45
82	93,15	92	107,53
83	92,09	93	107,03
84	93,91	94	110,81
85	94,02	95	130,85
86	110,0	96	135,98
87	100,60	97	133,87
88	98,24	98	138,00
89	108,58		

Fonte: Elaboração STG, Dados Básicos IBGE, MARA, MF, CNA.

3. Conclusão

A partir do início dos anos 90, toda a cadeia do leite vem experimentando profundas transformações. Na raiz deste processo estão a globalização da economia brasileira, a desregulamentação do mercado de lácteos e a estabilidade da economia. De repente toda a economia do agronegócio leite ficou exposta a uma concorrência que não estava acostumada. Para enfrentar esta nova realidade, os ajustamentos requeridos são fortes e, para complicar ainda mais, num curto espaço de tempo. Por isto alguns agentes econômicos não conseguem acompanhar as transformações e são excluídos do processo. Este é o lado perverso das transformações em curso.

Entretanto, existe também o lado positivo desta nova realidade, representado pelo aumento da produtividade, pela redução de custos de produção, pelos aumentos da produção e do consumo e por crescentes investimentos na qualidade do leite.

A relação benefício/custo é favorável, indicando que o rumo está correto, ainda que necessite de vigilância no acompanhamento dos mercados doméstico e internacional, objetivando corrigir possíveis distorções. A permanecer a atual tendência é de se esperar que o Brasil, além de grande consumidor, também se tornará um importante país na produção de leite.

